

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
O EGITO DE YOUSSEF CHAHINE
22 e 24 de novembro de 2023

AL ARD / 1968 (*"A Terra"*)

um filme de Youssef Chahine

Realização: Youssef Chahine / **Argumento e Diálogos:** Hassan Fouad, segundo o romance de Abderrahman Cherkaoui / **Fotografia:** Abdel Halim Nasr / **Música:** Ali Ismail / **Montagem:** Rachida Abdel Salam / **Intérpretes:** Mahmoud el-Méligui (Abou Sweilam), Nagwa Ibrahim (Wassifa), Ezzat el-Alayli (Abdallah), Hamdi Ahmed (Mohammed Effendi), Yehia Chahine (Cheikh Hassouna), Tewfik el-Dekn (o "religioso"), Ali el-Cherif (Diab).

Produção: Organismo Geral Egípcio para o Cinema / **Cópia:** dcp, cores, versão original legendada em inglês e eletronicamente em português, 130 minutos / **Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca:** 5 de maio de 1997 no Ciclo "Decifrar o Cinema Egípcio".

Com **Al Ard** os cinéfilos portugueses vão descobrir aquele que é (do que conhecemos por aqui) a obra prima do cinema egípcio, ao lado do já conhecido e genial **Al Mummia**. Por **Al Ard** perpassa uma força lírica, um sentido de gesta trágica e grandiosa, dolorosa e sublime que é a da relação do homem com a terra que raramente encontramos no cinema. Para depararmos com um filme de carga emocional semelhante é preciso voltar-se atrás quase quarenta anos antes da realização desta obra de Chahine, para reencontrarmos-nos com um seu homónimo, **Zemlia**, de Alexander Dovjenko. Não é só o título que os aproxima. Aliás o final dos dois filmes têm alguns traços comuns, sem que isso signifique que da parte de Chahine haja qualquer espécie de "imitação". O que nele encontramos é, antes, uma espécie de idêntica apreensão da força telúrica da terra e sua transformação em imagens, como conseguiam um John Ford ou um King Vidor no cinema americano (mas Chahine parece mais perto do segundo por uma certa componente erótica que ressalta dessas imagens).

Realizado em 1968, **Al Ard** marca o regresso de Chahine ao seu melhor, representando também, na sua obra, um reencontro com o começo da sua carreira, **O Filho do Nilo** (1951) e, em particular, a sua primeira obra prima por nós desconhecida, **Céu de Inferno** (1953), no que se refere à abordagem da temática da terra. E deveria ser curioso compará-lo com o anterior na medida em que parecem ser, mais ou menos uma espécie de verso e reverso, não direi de uma moeda, mas de uma "ideia" e/ou esperança. Porque **Céu de Inferno** surge quando Nasser toma o poder e traz consigo as esperanças de todo um povo, com a libertação definitiva da subjugação colonial à Inglaterra, o "fim" de um poder absoluto e feudal da monarquia de Faruk, e o começo da reforma agrária, enquanto que **Al Ard** é um filme do "inverno do descontentamento" quando aos compromissos sucessivos que iam derrubando as ilusões se juntou a derrota

na Guerra dos Seis Dias. O filme de Chahine é de 1968, Nasser morre em 1970 e, como já vimos em **Cidadão Masri** em 1973 começava a "restituição" das terras ocupadas pela reforma agrária. Decorrendo nos duros tempos da monarquia, concretamente na década de 30, **Al Ard** testemunha das inquietações de 1968 e é "premonitório" do que vai acontecer cinco anos depois. **Al Ard** é uma história de abuso de poder por parte de um senhor de terras que quer construir uma estrada que leve directamente ao seu palácio, para evitar desvios pelos seus convidados, justificando-se (também) com o "progresso" que trará (electricidade, etc). A estrada irá passar por vários campos cultivados e desalojar uma série de felás que vivem do pouco que conseguem com a cultura do algodão. No filme de Chahine as plantas de algodão tomam a mesma força lírica e simbólica dos girassóis no de Dovjenko e nos planos finais, as flores do algodão manchadas de sangue, parecem prestar homenagem aos que são capazes de darem a vida por elas e pela terra em que crescem. Mas o lirismo de Dovjenko é aqui acrescido de uma marca de brutalidade, pois a homenagem da terra não se faz num desfile e sim numa brutal carga de polícia, culminando no siderante plano das mãos do velho Abou engalfinhadas na terra com a agonia sendo arrastado pelo cavalo. Este plano, belo e cruel, faz rima com o de abertura, idílico, testemunhando o entranhado amor do homem pela terra. E todo drama tem início com a regulamentação da rega que reduz a metade (de dez para cinco dias) o direito dos camponeses de usarem a água. O drama sazonal que enfrentam todos os anos é desta vez agravado com o capricho do senhor das terras de construir a estrada, e as reivindicações e protestos que levam muitos deles à cadeia, acabam por se tornar em revolta aberta.

Mas Chahine, se mostra bem de que lado está (o personagem do senhor da terra, por exemplo, apresentado numa diatanciação algo caricatural) não explora qualquer forma de maniqueísmo para mostrar os conflitos. Aliás a relação dos camponeses com os "meharis" (soldados a camelo) é sugestiva, mostrando como os segundos acabam por compreender os problemas dos primeiros por terem passado por situações semelhantes. O reconhecimento dá à cena de despedida, quando os "meharis" se vão embora permitindo que Abou recolha o algodão, uma singular dignidade. Será o corpo de polícia que se encarrega da repressão. **Al Ard** é também testemunho das lutas dos camponeses do Egipto pela independência e liberdade, contra os ingleses, testemunho que toma uma força quase épica no discurso de tonalidades shakespearianas que Abou faz evocando a luta comum com Hassouna e o comerciante e os caminhos diferentes que cada um deles tomou. Hassouna acabará por se tornar o "carrasco" de Abou, desaparecendo para não assistir ao ataque. Tudo isto é contado em imagens percorridas por uma força poética invulgar, a que o acompanhamento musical, explorando os cantos tradicionais, dá uma carga épica.

Manuel Cintra Ferreira